

D-ARTE
Londrina

Aldo Moraes
Edra Moraes
Francismar Lemes
Gabriel Coutinho
Maria Helena de Oliveira
Maria Angélica Constantino
Moacyr Medri
Nilva Dematé Zolandek
Ronylson Rony
Vagner Xavier
Valdir Rodrigues
Wilson Inacio

Caderno de

Literatura

ANO 1 - Edição 01/ novembro / 2019 - Caderno especial



Ilustração Wilson Inacio

O Disco Voador pousou!

O Disco Voador pousou!

A minha Capitu, no tapete, lambendo meu pé
A Musa da minha poesia, sonhando no sofá
Enquanto eu vejo os iguais, gladiando na televisão!
No celular, notícias dão que mais um presidente foi preso
Enquanto o eleito, entrega alguns agrados e de joelhos:
“Waiting for new orders sir, president Trump!”
Prefiro pensar quantos pingos de chuva cai no mesmo lugar
Ler o livro do Cumino, “Exu não é o Diabo”
Conversar com meu amigo do disco voador sobre o Brasil
Pensar e agir conforme os princípios dos meus ancestrais.
Capitu volta aqui com meu chinelo!
Como é linda essa minha Menina!
O Ministro ainda não conseguiu soltar ninguém?
A Bailarina agora vai ser Pedagoga
São 23 horas e 50 minutos
Fazer faculdade pública no Brasil
Ser profissional da educação é prova de resistência
Não tem como deixar este País como está!
São direitos, perdidos!
São deveres, transferidos!
E nós continuamos achando que somos o centro do universo
Fazemos revolução nas redes sociais
Lemos as orelhas dos livros e achamos que somos intelectuais

Quisera ter a coragem de fazer minha parte e não postergar
Assim como todos, me escondo e fico esperando o Salvador chegar
Estamos mais para um quadro surrealista de Dali,
Ainda que “O Grito” do norueguês Edvard Munch, esteja na minha cara neste momento!
Mas ainda não resolvemos coisas ancestrais
Preconceitos, distribuição de terras e riquezas
Casa Grande e Senzala, Centros, periferias e guetos.
O Brasil pedindo benção ao Imperialismo Americano
As armas e as pessoas do bem dizendo que agora seremos salvos
A perfeita mediocridade de colocar Deus na política!
Brasil!
Os rumos e as decisões nos transformam em cidadãos ou vítimas
Ser negro não é opção no Brasil, é resistência!
Mas ser brasileiro, no Brazil parece que somos imigrantes ilegais!
Será que a maior preocupação é a Venezuela neste momento?
O Brasil é a litografia de impressão,
“Relatividade”, do holandês Maurits Cornelis Escher
A Capitu agora dorme o justo sono dos cães
A Bailarina janta e vai fazer um trabalho sobre a história da educação
A Menina acordou e vamos ser cúmplices o resto da vida
Meu amigo do disco voador, obrigado pela visita!





Não sou musa, sou poeta

Musas são diáfanas, acariciam como a seda,
 Leves como uma pena ao vento
 Eu carrego em mim peso de um bloco de mármore,
 e rasgo a carne como o ferro
 Musas caminham nas pontas dos dedos,
 Admiram Sade, Foucault e Loyola
 Eu caminho coxa arrastando este fantasma,
 Todos eles me estudaram e nunca me entenderam
 Musas têm bundas, seios e sorrisos fáceis
 Eu não tenho corpo, sou bela como um vulcão
 Musas caminham de mãos dadas ao teu lado
 E despertam a inveja dos teus amigos
 Eu caminho sozinha, mesmo na multidão
 Eu uso minhas mãos para tirar as pedras do caminho
 Musas estudam arte, cinema, música e poema
 Eu vomito palavras, erro os acentos e troco pronomes
 Musas nasceram para serem amadas
 e eu, poeta que sou, nasci para amar
 Amar a ti, aos pássaros e o cão morto na esquina

Desastres naturais

Quem de vocês nunca prendeu o ar
 para que o vento de tuas tormentas não
 arrastasse a mobília da sala?
 Quem de vocês nunca prendeu o ar
 para que o grito do teu abismo não abafasse
 o riso dos convidados na sala?
 Quem de vocês nunca prendeu o ar
 para que o mar das tuas lágrimas não inundasse
 as crianças que brincavam na sala?
 Quem de vocês nunca prendeu o ar
 para que a avalanche dos teus pensamentos não cobrisse
 de lama os doces sobre a mesa da sala?
 Quem de vocês nunca prendeu o ar
 para que o furacão dos teus desejos não sugasse
 os corpos que dançavam felizes na sala?



Fatalidades: aceite-as

serão os reflexos no espelho
 dos teus piores medos
 de tal forma concebidos
 em tua mente,
 que agora, presente
 nada além, uma questão permanece:
 terei eu desenhado e pintado este medo
 e, de tal forma te criado,
 que denso necessitas ser materializado?



↪ns

A pair of red-handled scissors is positioned as if cutting through a white measuring tape. The measuring tape is draped over a map of Europe, with the word 'EUROPE' visible in large letters. The map shows various countries and cities, including Porto, Portugal, and Barcelona. The background is a soft-focus map of Europe.

EU disse que voltava

Maria Angélica Constantino



Maria Angélica de Oliveira Constantino é londrinense, casada e tem dois filhos. Teve uma infância humilde, mas venceu os desafios com o apoio da família, muito estudo, trabalho e fé. Atua como administradora, além de ser voluntária em alguns projetos sociais. Adora viajar, ler e escrever. Autora de *Pequena Londres* e *Uma pequena em Londres*, hoje é a romancista londrinense que mais vende livros.

Entrevista

D-arte - Qual a motivação ou influências que te levaram a se transformar em autora/escritora? Como se deu esse trajeto?

- Eu não me lembro de um momento em que eu não sentisse vontade de ser uma escritora. No coração eu sempre tive esse pulsar. Eu tive alguns rompimentos com a escrita onde jurei nunca mais escrever, momentos dramáticos... O primeiro foi quando voltei da lua de mel e minha mãe havia queimado tudo, doze anos de diários, contos e poesias. Anos depois voltei atrás e recomecei a escrever. O segundo foi quando meu irmão morreu. Mas durante a depressão, anos de profunda dor, eu senti um desejo forte de escrever e acho que no fim foi a escrita que me salvou, me devolveu para mim mesma.

D-arte - Eventuais desafios ou méritos em sua carreira que gostaria de destacar?

- O meu maior desafio é equilibrar o meu tempo entre a escrita, meu trabalho como administradora e minha família.

Sobre os méritos, foi emocionante ver meu primeiro livro em vigésimo na Amazon, mas foi um afago gigante na alma, uma honra, quando *Pequena Londres* foi adotado pelo quarto ano de letras da UEL.

Londrina me abraçou de um jeito que me emociona a cada lançamento. É incrível sentar para autografar às seis da tarde e fazer isso sem parar até às dez e quarenta da noite. Me sinto abençoada. E ainda me surpreendo quando descubro leitores em vários lugares do Brasil e do mundo. Meus Deus, eu descobri leitores no meu país de Norte a Sul, Londres, Portugal, Alemanha, Estados Unidos, França... É surreal pra mim! Me sinto muito acarinhada.

D-arte - Poderia comentar por gentileza, quais são os atuais projetos que você esta se dedicando.

- Estou com dois projetos na agulha, um já avancei um pouco mais onde vou escrever em duas frentes temporais, décadas de 50 e 70, será um drama... o outro será na mesma linha que venho conduzindo, comédia romântica com muito de vida real... Mas ainda não sei qual dos dois sairá primeiro. No momento estou em férias com minha família, mas assim que voltar vou dividir isso.

D-arte - Quem é Maria Angélica?

- Eu sou uma mulher forte e frágil, como tantas outras. Em processo de feitura e obstinada por aquilo que eu acredito. Fiel aos meus princípios e leal com meus familiares e amigos. Teimosa e dramática, cheia de defeitos... mas com muito amor no coração. Não é fácil falar de si mesma, mas acredito que permanece ao meu lado quem consegue conviver com meus anjos e demônios.

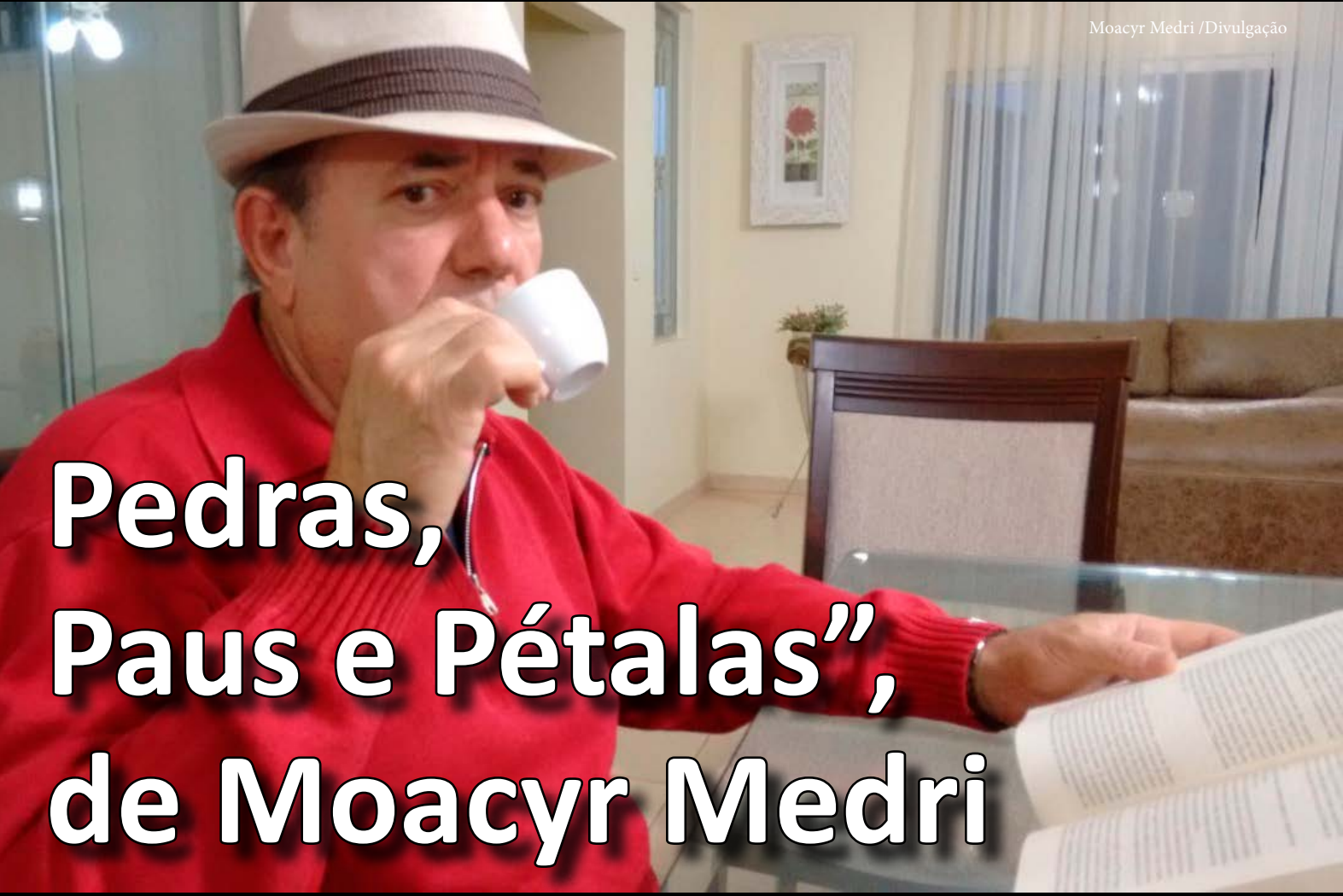


D-ARTE
Londrina

20 de novembro

Dia da
Consciência
Negra





Pedras, Paus e Pétalas”, de Moacyr Medri

ENTREVISTA



Click para ouvir

You **Tube**

A obra abrange a questão racial, com foco principal na discriminação sofrida por duas professoras afrodescendentes no Norte do Paraná nos anos 40 e também no racismo aos imigrantes que ajudaram a construir a região do estado em um contexto geral.

O livro é inspirado em lembranças que o autor tem das professoras Clementina e Catarina.

Moacyr Eurides Medri foi professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Federal do Amazonas por 43 anos. Ele é biólogo e Doutor em botânica e tem três livros publicados, um romance e dois de causos e contos.

O fantasma do navio negreiro



YouTube



Valdir Rodrigues

Valdir Rodrigues/Divulgação

LÁGRIMAS QUE SORRI

Cada mulher um sentimento,
Cada sentimento uma emoção,
Cada emoção um sonho, uma fantasia,
Cada sonho um universo,
Cada mulher uma lágrima
Um desejo de cura!
Em cada desejo de cura vem a fé!
Através da fé vêm as lágrimas!
Todas as lágrimas, um sentimento!
Lágrimas que sorri...
porque, nunca perdera a fé!
Os sentimentos são como lágrimas
São como chuvas passageiras
Que molham a terra,
Que vem para dar vida,
Que vem para refrescar,
Assim, como as lágrimas,
Que molham o rosto.
Os sentimentos são como lágrimas,
Lágrimas que desabafam ao cair,

São como um riacho que banha,
Que irriga a terra para a fertilidade,
São como os olhos vermelhos
Inevitáveis ao derramá-las.
Os sentimentos são como lágrimas,
Lágrimas provocadas,
Como nuvens!
Como passageiros - que vêm e que vão.
As lágrimas vêm para dar
emoção ao sentimento,
Seja ele qual for,
As lágrimas vêm para cultivar a vida,
Para fortalecer o sentimento humano,
Sempre vamos rir e chorar,
Ter momentos e desmomentos,
Por isso, todo sentimento - vem e vai!
E no fim o que fica...
São lágrimas que sorri!...

(Valdir Rodrigues da Silva)

VIDRAÇA

Eu quero atirar nos vidros da escola
Eu vou quebrar a vidraça dos seus olhos.
Eu quero andar descalço em cacos de vidro
Eu quero dar soco em pontas de faca.

Eu vou andar lado a lado com o inimigo
Eu quero mentir para o Diabo.
Eu vou matar meu amigo
Eu quero quebrar a promessa.

Eu vou acabar com o feitiço
Eu vou queimar os seus livros.
Eu quero desmentir o vidente
Eu vou calar a boca de toda essa gente.

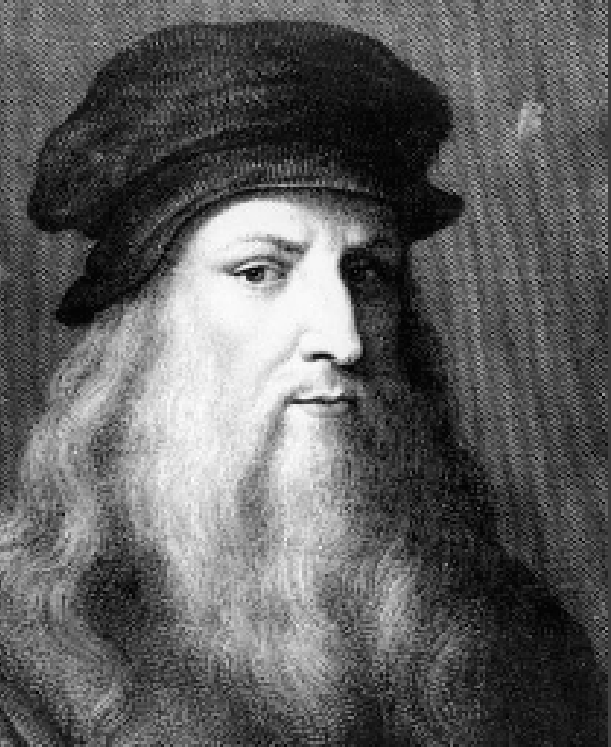


Vagner Xavier

Tijolos Quebrados

Tijolos quebrados, corações dilacerados
Juventude estúpida, arrogante, desperdiçada
Somos tão jovens e velhos também
A sorte pode estar do seu lado
Ou talvez não!
Não sabia se era dia
Ou se era noite
A Juke Box tocava música da morte
Mas havia muita vida ali dentro
Naquele beco eu fui feliz
Mas fui triste também
A chuva era fina e fria
E parecia nunca ter fim
E a minha juventude passando por mim.





A simplicidade
é o último grau
de
sofisticação.

Leonardo da Vinci



Alê Uhlmann

Doces Finos



@docesaleuhlmann

CLUBE DO ASSINANTE

D-ARTE

Londrina

Catarse 

Financiamento coletivo

QUERO
ASSINAR

<https://www.catarse.me/projects/105638/subscriptions/start>

Projeto cultural Memória da mulher negra londrinense



O projeto cultural Memória da mulher negra londrinense realizou uma pesquisa sobre 40 mulheres negras de Londrina que foram importantes para o desenvolvimento social, cultural e comunitário nas 4 regiões da cidade e nos distritos através de perfil biográfico mesclado à memória do bairro e região e da própria cidade.

A proposta é contribuir com a memória da cidade por meio do resgate das histórias de mulheres simples, trabalhadoras, artistas amadoras e que estiveram fora do foco da história e da mídia ao longo do desenvolvimento de Londrina.

O projeto buscou informações na comunidade, com estudiosos e apoio do NEAB/UEL, Movimento Negro e Assessoria Especial para a Igualdade Racial.

Encontramos mulheres e familiares entusiasmados em falar e muitos tímidos também, fruto de uma história que nunca deu atenção e relevância às mulheres, negras e pobres com suas trajetórias de vida: trajetórias ímpares e generosas!

Em setembro, no salão nobre do Colégio Champagnat foi lançada a revista com um resumo do conteúdo levantado. Os exemplares estão sendo divulgados entre familiares das mulheres pesquisadas e também em espaços de cultura e educação (como Vilas Culturais, centros culturais, UEL, Faculdades e etc...). Editorada por Marcelo Paes, a revista traz capa inédita de Carão Capstylle e textos de Valdir Rodrigues e Sueli Galhardi.

A proposta patrocinada na modalidade de bolsa pelo PROMIC além de ser cultural, passa pelos contextos social, educativo e de defesa da memória da mulher em Londrina e também contribuir com a aplicação da Lei Federal 10.639/03, cultura de matriz africana além de registrar o movimento e a importância da luta das mulheres negras em Londrina, nos últimos 40 anos e dar visibilidade a estas histórias e biografias. Maria Helena de Oliveira, 76 anos é a proponente do projeto e está finalizando sua biografia.

Canal no youtube com vídeos:



Nilva Dematé Zolandek



A escritora Nilva Dematé Zolandek, de Palmital, autora de romances e contos e também Dra em Literatura Brasileira, lançou recentemente seus livros VIDAS PARTIDAS e ÁGUAS QUE PASSAM em eventos organizados em Londrina e Tamarana pelo batuque na caixa. Nilva apresentou sua obra na Biblioteca de Tamarana e na Academia Londrinense de Letras. Em parceria com o batuque na caixa, participou de 3 exposições de poemas do projeto, como convidada:

Na Biblioteca de Tamarana, Na Escola Machado de Assis, em Sertanópolis, Na ANAPH/Associação Nacional de Promoção Humana.

Em novembro, ela participa com seus textos da Semana da Consciência Negra e do aniversário de 60 anos do Centro Comercial, ambos em Londrina.

Mais sobre a autora:

<https://www.atraentemente.com.br/2019/10/resenha-aguas-que-passam-nilva-demate.html>



Ronilson Rony, Inês Medri, Moacyr Medri, Nilva Dematé Zolandek e Aldo Moraes



Divulgação

Leonor e Kaleb Francismar Lemes

Da janela solitária, Leonor olha a cidade que não para nunca para ouvir os problemas. Parece que a cidade só tem compaixão pelo sucesso e a mulher atrás da vidraça fracassou no amor.

A cidade tem piedade dos ricos perdulários, que mesmo endividados são adulados nas colunas sociais. Ainda que todos falem por trás que é um coitado, falido. A cidade é solidária com estes. Mas, os que não são eficientes nas relações amorosas são marginalizados, fracassados.

Leonor não dava o braço a torcer. Esperava, olhando as figuras que circulavam pelos lugares que frequentava, acreditando poder identificar um tique, um sotaque, um jeito revelador de arrumar os cabelos de alguém disponível para o amor.

Uma busca que não deixou a mulher perceber que mesmo a aparência jovial, que lhe permitia roupas e decotes que só favoreciam a sua beleza, caminhava para um estado de maturidade, muito além das suas formas de mulher.

Novos comportamentos foram enchendo aquele apartamento que qualquer visita ao entrar, teria a impressão era de que não morava ninguém. Nada fora do lugar. As poltronas da sala minúscula contígua ao quarto, a cama vazia, os quadros simétricos na parede e os copos sempre limpos no armário. Casa de solteiro, que sempre tem alguma coisa estragada na geladeira pela falta de companhia para dividir um pedaço frio de pizza.

Leonor abriu a janela. As figuras que viu eram homens, operários de uma obra que se erguia em frente ao seu observatório que, tantas vezes, lhe possibilitou estabelecer contato subjetivo com a cidade.

Entrou em pânico. Sentindo o terror que faz correr desesperadamente, gritando por socorro, como se tivesse visto um mostro de seriado japonês, com pernas e braços de estruturas de ferro, atacando uma população indefesa por entre os prédios.

Abriu e fechou a janela, como se abrisse e fechasse os olhos, querendo enxergar direito e não acreditando no que via.

Como pode ser! Nunca vi esta construção antes! Admira-se Leonor.

Será que é uma conspiração alienígena para invadir a Terra e estes homens são replicantes? Na realidade não estão construindo mais um prédio na cidade, mas uma casulo onde uma comunidade de extraterrestres será gerada para uma invasão mortal ao planeta?

Na real, a mulher estava incomodada com a possibilidade da construção roubar-lhe a vista panorâmica, já comprometida por outros prédios vizinhos, apagando para sempre também as figuras que se acostumou a observar.

Todos os dias, ia à janela fiscalizar a obra. Tentava entender o projeto arquitetônico e até que ponto comprometeria a sua paisagem. As fundações, os movimentos de um tratorzinho que parecia um anão, fortinho, que rodava sobre o próprio eixo, carregando restos de material de construção de um lado para outro do terreno. Nenhum movimento escapava de Leonor, que sem perceber também rodava sobre o próprio eixo só que carregando a sua vida para a velhice.

Sempre tinha argumentos contra o espelho. As rugas não eram proeminentes, o corpo ainda permitia decotes. Não sabia que alguns comportamentos refletiam uma imagem mais devastadora. Os velhos gostam de fiscalizar o que está ao redor. Não tome por reprovação o comentário, mas vamos partir da constatação de que, na maturidade, os objetivos realizados se tornam sensação de dever cumprido. Sobra tempo para fiscalizar a vida dos que ainda não experimentam dessa ilusão.

Leonor só tinha as histórias de José, um antigo amigo, para alimentá-la com um pouco de imaginação. Agora também podia construir suposições sobre o empreendimento em frente ao seu apartamento ou das figuras que se moviam na rua ou no canteiro de obras.

Às vezes, ela se sentia como a mulher-macaco de algum circo. Furiosa pela vida que levava, mas não tinha coragem de ranger os dentes contra tudo que a deixava insatisfeita.

Se não tivesse esse pudor invadiria o canteiro de obras e mandaria parar a construção, como ordenaria que a vida mudasse de rumo já que, mais de uma vez, sem que consentisse, o destino fez opções por ela, que passou o restante dos dias contrariada por não participar de muitas escolhas. Demorou para Leonor entender que uma reação em cadeia de decisões é que determinam o futuro.

Para ela, a culpa sempre foi do destino, que numa tarde longa de inverno em um aeroporto congestionado de passageiros por voos atrasados, a apresentou a Kaleb.

A ansiedade pela demora da chamada para o embarque deixa passageiros ansiosos. As mesas dos cafês também ficam congestionadas de pessoas que querem diminuir a tensão sem perceber que a bebida saborosa e de aroma prazeroso só faz aumentar a ânsia de partir logo.

As livrarias e bancas de revistas também atraem passageiros irritados que passam na frente dos livros e revistas sem ao menos notar o títulos.

Leonor passou distraída pelas prateleiras. A sua mão estendida para um livro de física quântica pegou o vazio. Quando quase tocava a capa, a mão de dedos longos e finos de Kaleb agarram o título, que na categoria era um dos mais vendidos.

Desculpe. Pode ficar com o livro.

Kaleb disse com voz grave e pausada.

Não tem problema. Estava só curiosa e, de qualquer maneira, eu não ia comprar.

Oh, que isso. Ao menos deixe-me convidá-la para um café?

Você não precisa se preocupar comigo.

Somente estou querendo ser gentil. Aceita?

O encontro constrangedor na livraria ficou para trás e os dois experimentaram a sensação de déjà vu.

Você gosta de física quântica?

Eu? Não. O título do livro me chamou a atenção. E você. É professor de física ou algo assim?

Não. Também sou um curioso.

Kaleb era extremamente charmoso e facilmente envolvia mulheres e homens com uma invejável segurança, humor e os olhos pretos enigmáticos, contornados por cílios longos e espessos.

O café foi um aperitivo para um jantar e os dois viraram a noite conversando, enquanto as companhias aéreas não decidiam os seus destinos.

Não era difícil apaixonar-se por Kaleb em poucos minutos de conversa. Com Leonor não seria diferente dos que descobriam no rapaz um companheiro para passar mais do que algumas horas.

O tempo passa rápido quando estamos apaixonados pelas coisas e pessoas. A aeronave que o levaria para outro destino já estava pronta para receber os passageiros. Alguns estavam amassados de dormir sobre as malas, mas Kaleb sustentava o sorriso ao atravessar o portão de embarque.

Obrigado pela tempo que passamos juntos. Disse Leonor.

Quem diria que teríamos tanto coisa para conversar. Pena que chegou a hora do adeus. Infelizmente dizer até breve será uma mentira porque dificilmente nos veremos novamente. Mesmo assim...até logo, continuou ela.

O que isso garota. Não acredita em destino? A gente pode se encontrar de novo. De qualquer forma, se eu nunca mais tomar um livro da sua mão...Tenha uma boa vida.

Era difícil saber quando Kaleb falava sério ou estava sendo irônico, mas Leonor guardou como um presente aquele desejo de uma vida boa. As pessoas passam pela nossa existência e nunca sabemos aonde cada gesto ou palavra irá nós levar. O mundo dos sentimentos - lugar sempre incomum - é um abismo escuro. Difícil de enxergar a profundidade. Se soubéssemos não deixaríamos ninguém partir sem querer-lhe todo o bem na vida. Não foi o que aconteceu a Kaleb. Ele não desfrutou tanto o que queria da vida. Não seria preciso conhecê-lo para lamentar o que aconteceu ao rapaz. Leonor se pudesse prever o próximo episódio correria em seu socorro com desejos de uma vida boa. A maldade também nos amarra às pessoas. O ódio que podemos sentir delas nós leva juntos para o inferno. A maldade amarrou Leonor a Kaleb.

Um espaço de convivência entre o sonho e a realidade. O pesadelo é para onde muitos vão acordados. Um lugar em que o tempo não tem pressa e a vontade de querer acordar não é suficiente para despertar.

Kaleb acordou cedo e extremamente cansado porque não dormiu bem. Alguma coisa o incomodava. Não podia saber o que era. Somente que os acontecimentos desencadeiam os sentimentos. A vida dele mudaria completamente nas próximas horas.

Acordou com o vento gelado e a janela aberta do apartamento em que costumava ficar sempre que estava na cidade. Ligou o notebook automaticamente, como fazia todas as manhãs. Pegou o controle remoto da televisão. Não ligou o aparelho no gesto inconsciente que determinava a rotina e muito do humor eriçado pelas notícias do telejornal matutino.

Kaleb não calçou os chinelos. Pisou geladamente pelo quarto até a cozinha do apartamento. Plugou a cafeteira, a xícara de café na boca e um banho, antes de ir para a rua.

Uma buzina e outras atrás do carro chamaram a atenção para o semáforo aberto. Não se irritou com os outros motoristas. Também não sentiu vontade de xingar ou mostrar que sabia mais obscenidades, que todo o decoro de uma educação rígida.

Instintivamente também buzinou e a revoada de buzinas sobre a avenida congestionada naquele calor infernal

abria um corredor de vento entre os prédios ao redor da pista, aumentando a sensação claustrofóbica.

Outro semáforo e o trânsito parou de vez. Agora não era culpa de Kaleb. Todos nós somos culpados de alguma coisa. Muitas vezes, é a culpa quem nos dirige.

Um incidente atrasou a consulta médica da mulher apressada no carro de trás. O sujeito ao lado chegaria atrasado no primeiro dia de trabalho. Outro morreria na ambulância a caminho do hospital porque também não conseguiu chegar a tempo. Naquele dia, cada um viveu o seu pesadelo.

Os motoqueiros passavam pelo retrovisor invejavelmente livres. A inveja dos motoristas não conseguia derrubá-los, como aquela que se tem dos que conseguem se equilibrar sobre as rodas do sucesso. Uma inveja cobiçosa, daninha, mortal.

Um dos motoqueiros quebrou o retrovisor de Kaleb, que arrancou com força todos os desaforos que aquele inferno de trânsito quis fazê-lo engolir, mas que a agressão ao patrimônio o fez vomitar sobre a avenida, a calçada, os prédios marginais, os pedestres que não tinham nada a ver com aquela matilha de carros versus motos.

O rapaz de jaqueta de couro esfolada nos cotovelos, sem tirar o capacete arrancou Kaleb do carro, dando cabeçadas no indefeso unicamente armado dos palavrões escorrendo da boca numa evolução de sangue

O rosto harmonioso foi engolido pelo sangue. A boca inchada dos palavrões que não conseguiram escapar. Kaleb não era violento, só não conseguia ficar sem xingar uma barbearagem. Talvez, se tivesse apertado o botão do controle remoto e assistido às notícias do telejornal para ditar o humor ou não caminhasse geladamente do quarto até a cozinha, tomasse lentamente o café surpreendentemente quente e não corresse com o banho, demoraria um pouco mais, evitando a briga no trânsito.

Kaleb tem essa ingenuidade que todo homem de acreditar que o tempo não é maldoso, que não nos atrasa ou adiante para que as tragédias existam. Não é à toa que nos deixa viver muitos anos. É para nos tornar velhos.

Também não é por acaso que nos deixa as rugas. É para sabermos que passou por nós sem nos darmos conta. Um dia, nos olhamos como sempre no espelho, que diz: “Você envelheceu”. Foi o beijo do tempo em nós.

Mas agora quem o beijava era a violência com a força de um urso de capacete envelopado numa jaqueta de couro. Os outros motoristas concentrados na espera não se solidarizaram com a desvantagem física de Kaleb. Cada mão sobre o volante queria ser a primeira a arrancar para chegar aos hospitais, às reuniões ou seja lá em qual lugar de um encontro alegre, infeliz, chato, inconveniente. Um acerto de contas das horas marcadas - o destino.

O de Kaleb estava nas mãos daquele homem com a força de urso. Nunca o vira, não sabia o nome, se tinha uma história, família, filhos, mulher, namorada, patrão, amigo. O inimigo naquele momento era Kaleb. O indefeso representava todo tipo de frustração do motoqueiro. Todos os outros caras em duas rodas se sentiram justificados. Até quem passava a pé pelas marginais se sentiu vingado. Cada um encontrou um motivo para querer ver sangue.

Arrancado do carro, o rosto de Kaleb batia na mão fechada em soco do estranho, nos joelhos dele, no bico do pé até que foi parar desacordado num rastro sanguinolento na calçada. Ninguém chamou a polícia. Todos queriam que

os policiais dessem um jeito na confusão do trânsito, que pouco a pouco começou a fluir.

Kaleb ficou caído. As pessoas davam a volta daquele corpo de uma beleza plástica em composição com a chuva de sangue, que escorria da boca, pelas narinas e misturava-se ao azul da camisa e à cidade que, há muito tempo, transformou a violência em show.

O dia estava a pino. Cada pessoa sob o sol já tinha experimentado um pouco dos seus sonhos ou pesadelos. Kaleb ainda permanecia no espaço de convivência entre um e outro devaneio, mas não acordaria.

Coincidências põe as pessoas nos lugares certos e errados, mas não justificava a presença de Kaleb na cidade de Leonor. Ele não disse que, embora morasse em outro lugar, frequentemente visitava a região e até um apartamento mantinha para visitas mais prolongadas.

A confusão chamou a atenção de Leonor. Obrigada a parar no congestionamento, desceu do carro e caminhou até o epicentro do conflito. O homem morto no chão. O sangue no rosto quase desfigurado. Populares agora querendo linchar o agressor protegido pela polícia, que chegou sem nenhum chamado. Kaleb e Leonor se reencontraram. Morreu quem acreditava que a vida poderia ser boa.

Um buraco abriu no chão engolindo prédios, pessoas, policiais, veículos. O grito inaudível para os outros curiosos aglomerados nas calçadas, enchendo também a rua, vazou da cratera, que na verdade foi aberta na cabeça de Leonor.

O encantamento do encontro no aeroporto se tornou uma poça de sangue e milhares de perguntas borbulhavam das artérias de Kaleb na cabeça da mulher. Não que esperasse deixar a solidão num portão de embarque e rumar na direção do amor. Além da gravidade do crime, que choca qualquer pessoa, as palavras do rapaz, antes de entrar no avião - se não nos encontrarmos mais que tenha uma boa vida – tornaram-se uma contradição.

Paradoxo que Leonor não aceitava. Como pode uma pessoa que acredita na vida morrer. Quem crê na vida não deveria morrer. Todas as formas de morte são estúpidas. Até as que matam dormindo. Estas permitem à vítima sonhar, enquanto o pesadelo a surpreende, não dando chance de se debater. Morre sem resistência. A pior das mortes.

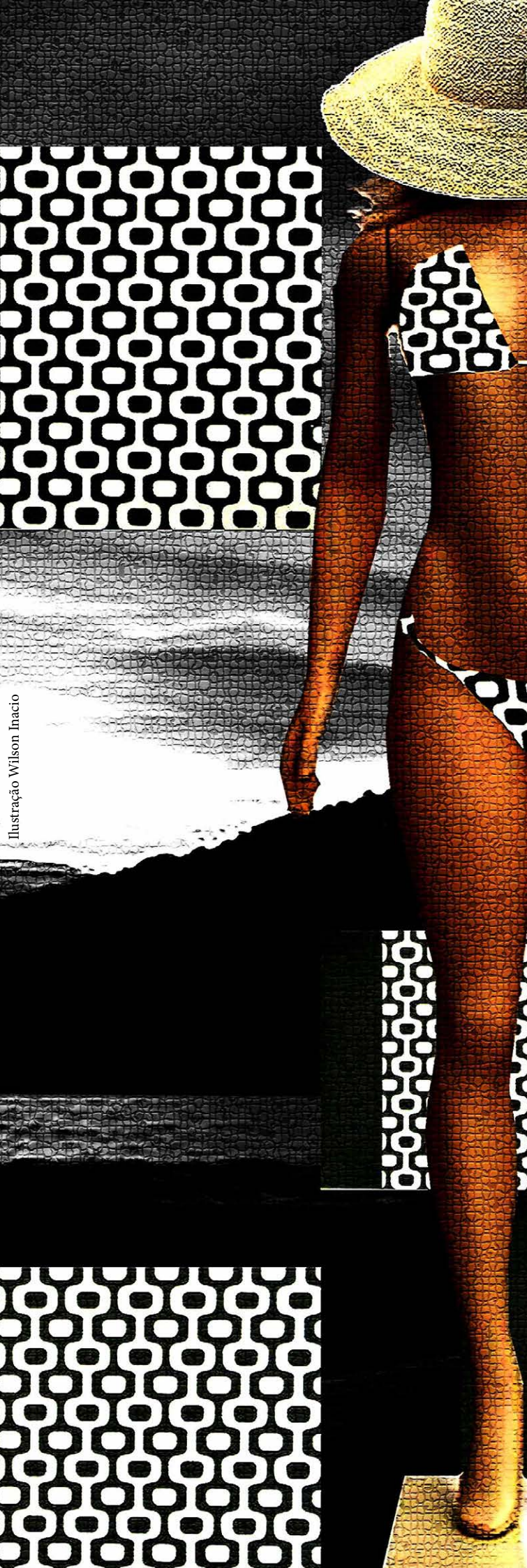


Ilustração Wilson Inacio

Maria Quitéria

e a revolta da Celulite

Ao abrir seus olhos, Maria Quitéria seguiu seu ritual, como num fluxograma, antes de se levantar, deu aquela espreguiçada marota até ouvir os estalos de suas articulações. E-mails e mensagens instantâneas, sentindo o macio do cobertor naquela manhã fria de outono. Levantou-se a caminho do banheiro, passou pela cozinha, fez sua pré-lavagem bucal comendo uma maçã, enquanto verificava sua dieta na porta da geladeira. Espiando de rabo de olho a sala, verifica se “pom-pom”, dormia o sonho dos justos em sua nova caminha anti-bactericida-impermeável da *Black Friday*. Caminhou até a porta do banheiro dando a já tradicional “empurrada”, feita com a delicadeza de um rinoceronte, um estrondo! Foi direto ao chuveiro, sem olhar para o espelho (tarefa para depois do revigorante banho). Hoje é dia de “rapar as perna” e tirar aquela aparência de lobisomem do maior órgão existente no seu corpo. Dia também, de lavar os cabelos com o seu novo shampoo revolucionário *Cleartop* anti-fungo-revigorante-bactericida-com-raizes-da-amazônia-e-essência-de-bromélias, afinal, estava ela próxima do seu esperado encontro.

Noventa dias passados de conversa com um “crush” do site *Dating Everyday* - a mais nova febre de encontros destinados a mulheres (que depois dos 30) , não buscam por sexo casual, mas... por um relacionamento sério, duradouro, com afinidades por homens de bom nível sócio-econômico-cultural e certa estabilidade financeira.

“Nudes” trocados, juras de amores e contatos nas redes sociais. Noventa dias era o prazo ideal para um encontro real, além de ser também, o prazo necessário para que aquela peça íntima, encomendada num site chinês, fosse entregue. Ela pensara em tudo! Então, é chegada a tão esperada hora de provar sua indumentária erótica, que a tiraria para sempre da tão temida solidão. Desembalou cuidadosamente sem rasgar a embalagem e vestiu a peça de rendas vermelhas, sim o vermelho! A cor da paixão, a cor que queima as entranhas, a cor dos desejos mais secretos da existência humana; o vermelho carmim. Vestiu-se cuidadosamente, o caimento não ficou tão perfeito quanto ela esperava, nada que alguns ajustes não resolvam. Uma *selfie* sempre cai bem para ter uma segunda opinião!

O silêncio foi quebrado com um estridente grito! Não pode serrrrr!!!! Maria Quitéria percebera que ao olhar sua imagem na foto, seu corpo havia sido invadido por famigeradas celulites! Suas nádegas estavam mais judiadas do que as paredes marcadas por balas nos conflitos do oriente médio! Suas polpinhas, tão bem cuidadas com cremes, que lhe custaram os olhos da cara e, um rim, agora estavam com mais buracos que via pública pós-dia-de-chuva!

Repentinamente ela pegou o seu aparelho de telefone, com as mãos trêmulas, a digitar

– Oi... td bem? Não vou ao nosso encontro, recebi uma proposta de emprego para pesquisar sobre a incidência de baleias Jubarte na patagônia, me desculpe, fui pega de surpresa e não pude avisar antes. Parto esta noite!

Depois deste dia Maria Quitéria nunca mais foi vista nas redes sociais.

Desconectar para conectar

Extra, extra, mais um coração ferido, mais um futuro impedido, mais um caminho não percorrido e uma vida perdida. Quando foi que a violência, a solidão e a dor se tornaram parte da normalidade de nossas vidas?

Extra, extra, mais um inocente julgado e condenado, por querer ajudar o próximo, por tentar ser humano, em meio a tanta superficialidade do mundo "conectado" que insiste em se desconectar da realidade. Até quando fecharemos os olhos para o que está acontecendo a nossa volta? Até quando permitiremos que o amor seja deixado de lado?

Extra, extra, abri meus olhos e vi um mundo que precisa ser transformado, mas nada é feito e ninguém se importa com ninguém.

Extra, extra, avisados fomos, mas não acreditamos e agora sofremos com as escolhas passadas, que foram erradas.

Extra, extra, há uma chance de mudar, comece pelas pequenas coisas, pois quando unidas serão grandiosas e significativas. O mundo não precisa de grandes feitos, precisa apenas de simples atitudes, como pensar no melhor para todos em vez de apenas o melhor para si.

Extra, extra, é preciso desconectar para que seja possível conectar-se com aqueles que estão a sua volta e assim regressar para a realidade.

Gabriel Coutinho

Ator, poeta e bacharel em direito.

e-mail: gabriel.a.c.s@hotmail.com

Fone: (43) 99906-4468

CLUBE DO ASSINANTE

D=ARTE

Londrina

<https://www.catarse.me/projects/105638/subscriptions/start>

Catarse 

Financiamento coletivo

QUERO
ASSINAR

Bella Vista

Turismo

R. Santos, 149 - Centro, Londrina - PR - (43) 3315-6868



CLUBE DO ASSINANTE

Catarse 

Financiamento coletivo

D-ARTE

Londrina

QUERO
ASSINAR

<https://www.catarse.me/projects/105638/subscriptions/start>



MATERIAIS PARA
PRÓXIMA EDIÇÃO

dartelondrina@gmail.com